

TELECRÓNICAS NR. 20**REGRESSO ÀS ORIGENS, publicada a 14 de Março de 2020**

A piada favorita que corre entre os meus amigos masculinos é a de que, com a quarentena e com tudo o que não é estabelecimento comercial de primeira necessidade fechado, agora é que vão finalmente descobrir de que cor são os cabelos das senhoras lá de casa ☺.

A graça pode ser adaptada ao género que se preferir (oh pra mim a ser politicamente correcta ☺) e pode estender-se a outros mistérios da intimidade estética, como a depilação, a maquilhagem, a pedicure, manicure, etc.. Há variações para todos os gostos.

A verdade é que houve um tempo em que a vida era mais simples. E mais auto-suficiente. E, não, não estou a falar de estética, embora seja um excelente exemplo de tarefas que saíram da esfera caseira. Dependíamos menos de serviços prestados por terceiros para fazer coisas indispensáveis do dia-a-dia.

Já vivi pior e melhor. E depois pior, outra vez, e melhor de novo. Fazem parte da vida, os altos e baixos. Se tenho uma situação mais desafogada também eu sou capaz de fazer algumas “avarias”, viajo mais, aproveito para dar prendas melhores aos meus amigos, etc.. Mas se, noutro momento, a vida fica mais complicada, não perco tempo a fazer disso um drama. Reoriento as minhas energias e os meus recursos para o mais importante. Há coisas que podem esperar. Viajar pode esperar. Comprar AQUELA mala pode esperar. Jantar fora, ir a muitos eventos, tudo isso pode esperar. Até lá, há as coisas que não podem esperar como ter um tecto sobre a cabeça, as despesas obrigatórias, comer, estudar, manter a saúde.



Esta atitude perante a vida é-nos útil num momento de tempestade, como o que estamos na expectativa de viver (alguns, os que já foram despedidos ou que já estão em lay-off, já vivem). Mas eu acho que é indispensável o tempo todo. É um mind-set, como agora se diz, um comportamento, uma mentalidade, que nos deve acompanhar sempre e que nos ajuda, em cada momento, a usar as coisas de forma sustentável. Na sequência da Crise de 2008 e nos anos que se seguiram, houve uma enorme alteração de comportamentos quotidianos, uma mudança agressiva, imposta, obrigatória, sem alternativa.

Por ter sido assim, involuntária, a maioria das pessoas só conseguiu ver nessa mudança uma forma pior de viver. Sentiram que tinham voltado a ser “pobres”.

Eu achei que podia ser uma oportunidade de recuperar bons velhos hábitos e de “matar” algumas “facilidades” com que nos deslumbrámos desde que o país começou a progredir economicamente. Uma oportunidade de, a reboque da necessidade, implementar algumas ações que não apenas nos tornariam a vida mais barata mas, também, mais simples.

Quando era pequena, lembro-me de ouvir falar na escola, nas revistas e jornais que apareciam lá por casa, entre as amigas da minha mãe, de uma coisa chamada economia doméstica. Lembro-me de que a minha mãe teve sempre umas agendas anuais que, tal como as que existem hoje, deixavam antevisão os dias, os meses, etc., mas tinham também uma série de capítulos úteis. Um deles era essa tal de economia doméstica: umas folhas com listas de compras, tabelas para registar o “orçamento” da casa, as receitas e as despesas, e mais umas quantas tabelas para organizar tarefas, etc. Não sei se a minha paixão pela organização e planeamento não nasceu nessas agendas com as quais brincava, quando a minha mãe as punha de lado de ano para ano.

Com a Crise de 2008, comecei a ver retornar uma série de hábitos que eu não via desde a minha infância e início de juventude: as pessoas voltaram a levar lanche, almoço, consigo; vi mais pessoas a ir de lista ao supermercado para evitar compras desnecessárias; vi as pessoas interessadas em aprender a poupar nos consumos caseiros (água, luz, etc.); nasceram pequenos negócios de modistas e aulas de costura porque as pessoas se lembraram de que a roupa pode ser ajustada, remodelada, servir outras funções. Podia continuar.

Mas o espírito da época era negativo. Estas “inovações” foram sentidas como “despromoções” de qualidade de vida. Como momentos “contranatura” dos quais devíamos rapidamente fugir assim que tal fosse possível.

Sabem o que aconteceu? Alguns desses novos velhos hábitos ficaram. Hoje é até moderno e trendy levar “marmita”, perdão, lunch box. Há milhares de livros e vídeos a mostrar como se preparam refeições para levar “de casa”. Almoçar no restaurante no meio do dia de trabalho é quase quase mal visto ☺! Fazer parte da comunidade que usa a sala de refeições da empresa é um must!

Não estou a ser irónica embora esteja a falar do assunto meio a brincar. Mas é porque quero tirar a carga negativa a estas mudanças afinal positivas que ficarão de uma situação grave. O que vos proponho nas próximas crónicas é levar o exercício mais longe. Aproveitar a crise que se desenha no horizonte, mas que ainda não aterrrou em cima de nós lançando-nos no pessimismo do “não há alternativa”, para desenhar um plano assente numa educação cívica para comportamentos de poupança. Aquilo que os nossos pais nos ensinavam, de que não percebíamos a utilidade nem porque razão ficavam tão zangados. Como quando deixávamos a luz do nosso quarto acesa quando nos chamavam para jantar.

A luz ao fundo do túnel pode alimentar-se de outras luzes que podemos poupar. De forma simples.